



Imagem da série *Casas Voadoras*, do francês Laurent Chéhère, um dos fotógrafos contemporâneos relacionados por Claudio Edinger

Laurent Chéhère

CLAUDIO EDINGER PROMOVE DIÁLOGO ENTRE **fotografia e pintura**

POR JUAN ESTEVES

O renomado fotógrafo transforma anotações feitas durante dez anos em um livro que mostra a relação entre as duas artes ao longo da história. Confira

O carioca Claudio Edinger saiu do Brasil nos anos 1970 e se radicou nos Estados Unidos, retornando ao País em 1996. Dessa fase, saíram dois livros importantes, *Chelsea Hotel* (Abbeville, 1983) e *Venice Beach* (Abbeville, 1985). Por aqui, publicou 18 livros, notabilizando-se também por colocar seu pensamento sobre a fotografia em público e em workshops. Agora, dá um

salto mais ousado com o recente *História da Fotografia Autoral e a Pintura Moderna* (Ipsis, 2019), espécie de compêndio sobre a relação da imagem fotográfica e sua predecessora, a pintura, contendo cerca de 600 ilustrações, incluindo como verbetes cerca de 350 autores estrangeiros e brasileiros.

Na apresentação do livro, Edinger diz que, ao voltar ao Brasil, começou a ministrar workshops em festivais de fo-



Gustavo Lacerda



Gustave Caillebotte

Acima, obra da série *Albinos*, do brasileiro Gustavo Lacerda (à esq.), e pintura do francês Gustave Caillebotte a partir de foto feita pelo seu irmão Martial; abaixo, obras contemporâneas do marroquino Yassine Alaoui Ismaili (à esq.) e da americana Tina Barney



Tina Barney



Yassine Alaoui Ismaili

tografia e percebeu que havia muitos artistas de talento, mas com cultura fotográfica escassa. Isso o levou a investigar a própria formação, que afirma ser “absolutamente literária”. Conta que muitas vezes passou noites em claro lendo os clássicos da literatura, criando e recriando visualmente universos na mente. Para entender essa relação entre as leituras que fazia e a fotografia, começou a pesquisar detalhes da história da arte na internet.

Aprofundou a pesquisa a partir de 2009 e passou a postar nas redes sociais o que encontrava de interessante, criando assim um bloco de notas sobre o assunto. Tempos depois, Mario Vitor Santos, diretor da Casa do Saber, de São Paulo (SP), o convidou para dar um curso sobre a história da fotografia. Nos cursos, ele falava: “O que não temos

dentro não conseguimos expressar fora”. Esse foi o embrião do livro, diz ele, lembrando que não é um acadêmico, e que tudo que aprendeu foi na prática. **Fotografe** entrevistou Claudio Edinger para saber mais sobre esse trabalho. Acompanhe.

Fotografe – A motivação do livro foi sentir a ausência de publicações do gênero no Brasil ou a sua própria curiosidade sobre o assunto?

Claudio Edinger – Começou como uma brisa. Fui pesquisar o que sabia sobre a história da fotografia, pois dava oficinas e workshops. Mas não adianta só dizer, tem que ter o que dizer. Como criar trabalhos inéditos se não conhecemos o que já foi feito? Aí me perguntei: peraí, que tipo de conhecimento eu tenho de fato? Nas pesquisas, descobri que sabia muito pouco. Tinha um conheci-

mento empírico, raso, fragmentado. Com um pouco de estudo, um assunto foi puxando outro e a brisa foi virando um tufão: é um tema espetacular, rico demais, um artista mais fantástico do que o outro, uma história melhor do que a outra. Estamos todos intimamente conectados. Não existe a minha fotografia, isolada. Ela só existe em cumplicidade com tudo o que os outros pensam e inventam, fotógrafos e pintores.

Qual é sua expectativa com relação ao livro?

Torço para que o livro sirva de três formas. Primeiro, para que as pessoas percebam a amplitude extraordinária da fotografia no âmbito global. A fotografia é a pintura do século 21. Sem, de forma alguma, desmerecer a pintura, mas adicionando a ela outra dimensão. Acredito que